



O DR. TOLOSA LATOUR

SUMMARIO

O dr. Tolosa Latour.—*Uma historia verdadeira*, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *A Condessinha*, D. Eliza Caodur.—*A uma creança morta*, (poesia), Marques Rosa.—*Vaso de porcellana*.—*Os limões*, J. de Pochese. — *Dramas do tremedal*, (Paginas soltas), Barros e Silva. — *Uma alliada*, Cordelia. — *Chronica dos theatros*, Py-Thon.—*Album Enigmatico*.

GRAVURAS: — O dr. Tolosa Latour.—*Vaso de porcellana*.

NA CAPA: — *Conselhos e receitas*.

O DR. TOLOSA LATOUR

O dr. Manuel de Tolosa Latour nasceu em Madrid a 8 de agosto de 1857, cursou brilhantemente a faculdade de medicina, e acentuando o seu grande talento em trabalhos litterarios e scientificos de alto valor, é actualmente uma das individualidades mais distinctas do paiz vizinho. O seu bello character todo propenso ao bem, e a sua intelligencia avigorada pelo estudo o pela meditação, granjearam-lhe a sympathia e o respeito geral, porque o dr. Tolosa Latour, a par de profundos conhecimentos scientificos, que os tem como poucos, possui um coração nobilissimo, uma dedica-

ção sem limites, e sentimentos generosos e bons, tão pouco vulgares quanto é extraordinario o seu grande talento.

Estudante dos mais distinctos do seu curso, fez parte do *Atheneu dos alumnos internos* e collaborou activamente para que se fundasse a *Sociedade histologica de Madrid* que começou os seus trabalhos em 1872.

N'uma casa modesta da rua de Cervantes, onde ordinariamente se reuniam os condiscipulos de Tolosa Latour, era elle um dos que mais animava aquellas animadas palestras e o que mais contribuia para levantar o amor pelo trabalho, e a dedicação pelo estudo, onde principalmente predominava a vida irrequieta da mocidade.

Logo que obteve o grau de doutor em medicina abriram-se-lhe de par em par as portas do *Atheneu de Madrid*, da *Academia medico-cirurgica* e de muitas outras associações scientificas, dando-lhe todas provas sinceras e honrosissimas do muito em que o consideravam.

Diversos jornaes litterarios e scientificos teem as suas mais bellas e valiosas columnas firmadas com o nome de Tolosa Latour, que mais activamente collaborou no *Genio medico-cirurgico*, nos *Anaes das sciencias medicas*, na *Revista europea*, no *Globo*, na *Epoca*, no *Imparcial* e em tantos outros, honrando-se todos elles com os artigos do moço e abalizado escriptor, cujos traços biographicos muito de corrida tentamos esboçar.

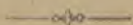
Entretanto o coração amantissimo de Tolosa Latour passava por um desgosto cruciante, que infiltrou para sempre a tristeza na sua vida: a morte da mãe carinhosa que adorava até ao entusiasmo e de quem herdara as virtudes que elle conserva impollutas como penhor sagrado do seu mais elevado affecto, da sua amizade mais terna.

Essa circumstancia da sua vida, essa ferida profunda aberta pela brutalidade da natureza no seu coração delicado de filho extremoso, concorreria para acentuar a tendencia do dr. Tolosa Latour em favor da infancia? Talvez. São conhecidos os seus trabalhos n'este sentido; o seu livro *El niño*, premiado pela *Sociedade economica de Madrid* tem já exgotadas bastantes edições e os seus artigos sobre a *loucura na infancia*, causaram verdadeiro entusiasmo e admiração profunda, attento o seu merecimento incontestavel.

Ainda ao trabalho incessante do dr. Tolosa Latour se deve a fundação da excellente *Revista de hygiene e educação* e a importantissima revista *La Madre y el Niño*, que é collaborada pelos principaes medicos e escriptores hespanhoes e estrangeiros.

O dr. Tolosa Latour foi, por concurso publico, nomeado medico do hospital do Menino Jesus. No *primeiro congresso internacional para a protecção da infancia*, verificado ultimamente em Paris, no palacio do Trocadero, foi encarregado Tolosa Latour de representar o seu paiz e fel-o de uma fórma verdadeiramente brilhante.

A vida d'este homem, tão moço ainda, representa uma somma enorme de trabalho e de trabalho util, todo applicado ao bem, principalmente á infancia e é por isso que a nossa revista se orgulha justificadamente, apresentando aos seus leitores o retrato do dr. Manuel de Tolosa Latour.

——
A razão é a conselheira da alma.

UMA HISTORIA VERDADEIRA

III

(Continuação)

Foi assim que Margarida fez nove annos. Era linda e indomita.

Tinha um corpo airoso, flexivel e forte.

Ninguem opprimira nunca aquella altiva natureza aristocratica.

D'ahi a sua isenção, a liberdade dos seus movimentos, o fulgor radioso dos seus grandes olhos azues, onde um observador veria talvez as scintillações metallicas que davam tamanha dureza ao olhar de sua mãe.

Margarida tinha uma vontade de ferro, e uns nervos de mulher caprichosa.

Quando a professora allemã que seus paes mandaram buscar, quiz sujeitar o seu espirito a uma certa disciplina, Margarida revoltou-se n'um impeto de insubordinação selvatica.

Tivera creadas que a serviam, um escravo que tremia diante d'ella, e seus paes que condescendiam com todos os seus pequenos desejos de creança.

Déra-se bem n'aquelle meio, não queria outro, não o accetava, nem curvaria a sua cabecinha erecta e firme com uma aureola de anneis de ouro a cercala, a nenhum dominio que não fosse o da sua vontade.

Um dia Thadeu ouviu fallar vagamente n'uma viagem que seus tios iam fazer ao estrangeiro, e viu começar os preparativos para ella.

Ficou no céu.

Viveria só na grande casa com Margarida e o rancho dos creados.

Seriam livres.

Ella teria um balçoço no jardim, uma rede brasileira no kiosque, e um barquinho no lago.

Eram os seus tres sonhos ainda irrealizados.

Thadeu dirigiria todos os trabalhos.

Diria aos operarios que tinha deseseis annos, e que era sobrinho do marquez.

Os operarios haviam de respeitá-lo.

Elles não tinham precisão nenhuma de se rir do seu corpo enfazado e rachitico.

Não é preciso ser-se athletico para se ser respeitado pelos homens a quem se paga.

Thadeu havia de arranjar algum meio de lhes pagar.

Andava então doente, exquisito, com uma excitação nervosa que o torturava.

O seu affecto por Margarida tivera uma recrudescencia violenta e dolorosa.

Tinha vagos presentimentos que o faziam chorar.

Parecera-lhe que sua tia, uma vez, ao encontrá-lo n'um corredor, olhára para elle com uma aguda ironia malevola.

—Não sabes, Thadeu? gritou Margarida entrando como um raio de sol no quarto onde costumava brincar com o primo. Não sabes? E atirou-lhe negligentemente aos pés com um feixe de flores e de folhas verdes que estivera colhendo na quinta. Tambem eu vou com o papá e a mamã. Vamos a Paris... muito longe... muito longe... Estive á escuta... percebi umas coisas mas não percebi outras. Fallaram n'um convento... no *Sacré Cœur*... sabes o que é?...

Thadeu sabia.

Não disse nada, mas no outro dia não pôde levantar-se da cama.

Tinha dôres em todo o corpo e um grande cansaço, como de quem deu uma larga caminhada.

Gemia baixinho abraçado em febre, e quando pediu muito humildemente, com medo de uma recusa, para ver Margarida, disseram-lhe que a doença d'elle podia pegar-se e que as meninas não iam ao quarto dos homens.

—Pois isto é um homem? pensava Thadeu desolado.

Margarida de endoudecida com a mudança, com o movimento, com a expectativa de uma existencia desconhecida e nova, esqueceu-se completamente do enfermo.

Partiu sem pedir sequer para lhe dizer adeus!...

Quando Thadeu ao cabo de um mez de doença sahio do quarto com o rosto macilento, abatido, *curvado*, como o de um velho, com a espinha dobrada e as magras pernas vacillantes, pediu para ir ao quarto onde brincava com a sua *perola*, e agachou-se a um cantinho a chorar com uns uivos dolorosos, com uns uivos caninos que faziam mal.

Sentia-se para sempre só...

(Continua).

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A CONDESSINHA

(Conclusão)

Teve depois ainda a lembrança audaciosa de subir, vestida de homem, ás pyramides do Egypto, e realisou o atrevido intento sem achar na imminencia do perigo a sensação vertiginosa que esperava.

Volto á Europa e não fez mais tentativas para alcançar as vibrações emoventes a que a sua sensibilidade parecia recusar-se.

Entretanto para minorar o enfado dos seus dias tediosos, a condessa descobrira um meio: — exigir versos aos seus adoradores.

Durante muito tempo choveram nas suas pequeninas mãos brancas e *potelés* quantos disparates amorosos se podem dizer em versos coxos, uns sem metro, outros sem rimas, todos sem senso nem orthographia. Ella porém, lia-os do principio ao fim com a paciencia evangelica d'um santo e ria, ria depois com o riso sarcástico d'um demonio.

Por fim achou burguez o divertimento e odiou-se por zombar assim d'aquelles peralvilhos seccantes, e manifestou francamente o desejo de não ser massada com mais lyrismos pretenciosos.

Agora em vez de sonetos exigia-lhes objectos inacessiveis, d'um preço fabuloso ou d'uma raridade unica.

Um dia os jornaes annunciaram a venda em leilão d'um leque precioso, pertencente a uma rainha fallecida. A condessa appeteceu-o.

Na turba dos seus adoradores havia um bello rapaz arrancado á *troupe* d'esses fidalgos estroinas, cuja arvore geneologica principia nas raças orgulhosas dos reis godos e vem ás vezes enxertar-se na familia d'uma botoqueineira.

Chamava-se Fernando, tinha a alma d'um nobre, a distincção d'um soberano, a presenca d'um *gentleman*, e a fortuna d'um... homem arruinado.

Vivia de dividas e morria pela condessa.

Era um duplo inferno a sua existencia passada assim, entre algozes: os credores e aquella mulher caprichosa que lhe exigia sacrificios sobrehumanos para os escarnecer depois como bagatellas insignificantes.

Que lhe importava isso, se a adorava tanto, tanto...!

Ao ouvir a condessa denunciar o desejo do leque, Fernando approximou-se:—Tel-o-ha; disse, estonteado pelo olhar d'ella, sem saber o que dizia.

—Promette? insistiu com meiguice a condessa.

—Prometto.

—Amanhã a estas horas estará já em meu poder? insistiu de novo com um ar infantil e gracioso.

—Dou a minha palavra em como está, disse Fernando.

—Olhe que sou impaciente como uma creança; sempre quero ver se falta um minuto á sua promessa; que horas são?

Fernando puchou pelo seu bello chronometro cravejado de pedras e mostrou as horas.

A condessa notou a magnificencia do relogio e por acaso olhou a cadeia de onde pendia uma pequena medalha elegante e artistica.

Teve curiosidade de saber o que estaria ali dentro e denunciando levemente o desejo, Fernando mostrou: Era uma lamina d'ouro onde se achava inscripta a data dos annos da condessa.

—Agradecida pelo galanteio, fez ella com a indiferença desdenhosa de quem faz uma honra deixando-se adorar.

No outro dia ao passar pela *vitrine* d'um ourives, a condessa notou um chronometro, uma cadeia e medalha perfeitamente eguaes ás que na vespera vira a Fernando. Passou-lhe pela idéa se seriam as mesmas. Quem sabe? em difficuldades de dinheiro, para lhe comprar o leque, ter-se-hia privado d'aquelles objectos?

Não era tão tolo, de certo. Todavia a condessa quiz certificar-se e pediu a medalha.

Não restava duvida, era a d'elle, lá estava a data dos annos sobre a lamina de ouro.

Teve um movimento de compaixão banal por aquelle sacrificio ridiculo; pareceu-lhe aquillo muito réles e muito grotesco. Chamou mil vezes idiota ao fidalgo e saltou para o seu magnifico Brinder de *huit resorts*, nervosa, cheia de um tedio selvagem, jurando vingarse, comprando ella propria o leque e não querendo mais ver o auctor d'aquella pelintrice ordinaria; e n'este intuito cheio de energia mandou bater os cavallos para o local do leilão.

Depois d'outros objectos o leque poz-se em praça, a condessa mandou um creado cobrir todos os lanços e ficou em distancia dentro do seu *landeau*, observando.

Entre o grupo dos licitantes distinguia-se a figura aristocrata e gentil de Fernando que parecia suspenso das palavras do leiloeiro.

A condessa viu-o e sentiu referver-lhe o sangue n'um accesso de indignação colerica. Para expandir um tanto aquella raiva concentrada, murmurava baixinho como vingando-se:—odeio-te, imbecil, pelintra, escravo, odeio-te, odeio-te.

Fernando nada via, nem ouvia d'este mundo, senão as palavras do pregoeiro. Cobria os lanços com voz tremente, empallidecia, palpitava arquejando, e dir-se-hia que tentava fechar a bocca do apregoador com o seu olhar fixo e quasi supplicante.

Poder-se-hia ter disparado ali ao pé um canhão,

sem elle dar por isso; as palavras do homem do prego absorviam-n'o todo. A sua honra e a sua vida dependiam d'aquelle pequeno objecto que o homem mostrava; havia de cumprir a promessa, tinha-o jurado a si mesmo.

De repente porém uma voz desfallecida, quasi um cicio de morte, disse: — Meu rico senhor, tenha dó d'esta desgraça, morremos de fome.

Fernando sobresaltou-se e deixou transparecer na physionomia toda a commoção violenta que aquellas palavras lhe occasionaram. Gastar uma somma enorme para satisfazer um capricho quando alguém ali ao pé morria de fome, pareceu-lhe um crime. O seu primeiro impulso foi pegar na bolsa e dar-lh'a; porém a imagem da condessa, a sua promessa e o seu amor passaram-lhe em zigues-zagues de fogo pela mente e hesitou estonteado.

A voz da mendiga disse mais alto: — Meu rico senhor, olhe, são os filhinhos que ha dois dias não comem. — E tocou o braço de Fernando que olhou commovido as creanças, e então sem hesitar um momento, deu á mendiga a bolsa que devia pagar o leque e partiu como louco.

Do *landeau* a condessa deu um grito; vira tudo. Foi a primeira vez que sentiu vibrar em si uma sensibilidade estranha, mixta de commoções onde havia lagrimas de prazer e estremecimentos de admiração e de amor. Um homem com a alma de Fernando era para ella um semi-deus. Queria correr, alcançá-lo, joelhar-se-lhe aos pés, adoral-o embevecida em arroubaamentos extaticos; mas aquelle tumultuar de sensações desordenadas e violentas prostrou-a e a condessa desfalleceu.

Entretanto Fernando corria a casa e escrevia sobre a sua secretaria estas linhas, que deixou sobrescriptadas para a condessa:

«Prometti e não soube satisfazer-lhe um desejo. Sou um miseravel que nada possui além d'um coração tão apaixonado que lhe sacrifica uma existencia. Entre a minha vida, que mereceria o seu desprezo, e a minha morte que póde arrancar-lhe uma lagrima, prefiro a ultima.

«Quando este papel chegar ao seu destino, os meus antepassados são testemunhas de que não sobrevivi á minha vergonha, e abençoar-me-hão do fundo do seu mausoleu, onde vou patentear-lhes a minha agonia. Que elles me perdoem e a condessa se lembre algumas vezes de mim, é tudo quando desejo.»

F.

Ao voltar a si, a condessa mandou bater a toda a brida a carruagem em direcção á casa de Fernando.

Não o encontrou. Sobre a secretaria via-se a carta escripta pouco antes; ella pegou-lhe e leu offegante. Convulsionada, louca por uma dôr indiscriptivel, desceu a escada e atirou-se para dentro do *landeau*, gritando suffocada: — A toda a brida para o cemiterio de... Rebentem os cavallos, quero chegar a tempo, depressa, depressa.

E mordida as almofadas da carruagem n'um desespero doloroso, tentando abafar os soluços que lhe sahiam do peito.

No cemiterio, ante a porta de um jazigo, Fernando de joelhos, levantava á altura da cabeça um revolver, e pela firmeza dos movimentos adivinhava-se que ia disparar resolute; porém um grito estridulo, d'uma dôr suprema deteve-o, voltou a cabeça e viu correndo como louca a condessa; julgou que fosse uma illusão

do seu espirito allucinado, e collou á frente o cano do revolver.

De repente porém uns braços nervosos apertaram-n'o febrilmente e sentiu uns labios de fogo pousando-lhe na frente. Ao ouvido uma voz meiga como um cicio do coração supplicava-lhe: — Fernando, vive, vive para mim. Amo-te, amo-te!

Dias depois, a condessa tinha a extravagancia de casar na capella do cemiterio onde havia livrado da morte o seu Fernando.

Já lá iam annos sem que os dias de tédio da condessa voltassem. Não precisou mais das viagens longinquas pelos confins da Asia para matar o *spleen* que julgou chronico. Se ella agora nem vagar tinha para enfastiar-se, absorvida como era toda pela adoração do seu Fernando e pelos desvelos consagrados a duas creancinhas roseas e louras como dois cherubins, que lhe chamavam mamã e lhe faziam caricias! E' que, como diz Lamennais, para a mulher a vida só tem encanto, quando ella ama, pensa e trabalha.

ELIZA CAODUR.

A UMA CRENÇA MORTA

Fluctua-te na bocca um rir dolente,
ó pomba côr das rosas amarellas,
como ao longe fluctuam as estrellas
no immenso mar do espaço resplendente.

Vaes dormir sob a campa tristemente,
ó doce encarnação das aguarellas,
tendo nas faces pallidas, singellas,
a impressão do meu beijo de descrente.

No rosto gracioso, pequenino,
ha um traço benevolo, divino,
um rastro luminoso de virtude:

O' natureza, ardor que não descança!
quantos seres farás d'esta creança!
quantas flores surgirão d'este ataúde!

Alvaizere.

MARQUES ROSA.

Vaso de porcellana

A nossa gravura representa um magnifico producto da ceramica. E' um vaso de porcellana azul escuro com ornamentações graciosas de côres vivissimas e brillhantes; o desenho é correcto e bem proporcionado, offerecendo o conjuncto grande harmonia de linhas e uma boa disposição geral que impressiona a vista agradavelmente.

OS LIMÕES

Todos nós conhecemos perfeitamente o limão; não ignoramos nenhum dos seus usos, e o hygienista mais abalisado não virá dizer-nos coisa alguma nova sobre este fructo pevidoso, amarellado, um tanto acido. Vemol-o todos os dias á venda em pequenos cestos e



VASO DE PORCELLANA

ninguém esquece facilmente a recordação gratíssima dos limoeiros e das laranjeiras em flor!

Nós todos, alguma vez na vida, muitas vezes até, cortamos um limão em pequenas talhadas e aciduamos com elle os *grogs* americanos ou uma outra bebida qualquer; ou exprémemo-l'o n'uas morangos aromaticos, n'um linguado frito ou em meia duzia de ostras. E além d'isso, será possível que haja alguém que o não conheça d'esses dias da infancia tão felizes, em que misturado com uma grande quantidade de agua e raiz de alcaçuz, nos foi vendido na rua, em garrafinhas especiaes guarnecidas de campainhas?

Perfeitamente. E depois?—Mas é tudo e não será sufficiente para gloria de um fructo tão pequeno?— Talvez o leitor assim o julgue e comtudo ha faltas e faltas grandes; e se, m'o permite, vamos juntos procural-as.

A limonada é uma bebida magnifica, que todos, de perfeita saude ou doentes teem provado, bebido, apreciado. Corrigindo a bilis opera como um bom especifico contra o calor da pelle. Pois a propria limonada está sujeita a determinados preceitos. Se é bom tomal-a de manhã, em jejum, antes do almoço, melhor

ainda será bebel-a de tarde, á noite, antes do deitar e até mesmo pela noite adiante. Um temperamento bilioso pede ao deitar o sumo de um limão n'um copo d'agua fresca e assucarada: opéra como o opio e é melhor de beber. Mas que se não coma o limão exprémido, porque o acido corrosivo que elle contém pôde occasionar inflamações. Conservem-se-lhe as pevides, esmaguem-se e misturem-se com agua e assucar e ficará uma bebida refrigerante e economica.

O sumo de limão é incontestavelmente o melhor antiscorbutico conhecido. Remedio hygienico por excellencia, cura não sómente a doença mas, o que é melhor ainda, é um optimo preservativo contra ella. Os marinheiros a bordo, com um bom senso admiravel, fazem do limão um uso constante, e por haver esquecido esta recommendação hygienica, teve um corajoso navegador inglez de retroceder na sua viagem ao polo Norte, por isso que o escorbuto lhe devastava a equipagem.

Uma provisão abundante de sumo de limão, o *lime juice* dos inglezes teria mudado o destino da expedição.

A leitora gentil que deseja sem duvida, que lhe ad-

mirem o bello esmalte dos dentes e a alvura da sua mão de marfim basta-lhe apenas, para o conseguir, lavar a bocca todas as manhãs com metade de um limão, preferindo a outra metade aos melhores sabonetes de glicerina que costuma empregar.

Perdoem-me a indiscripção, mas eu não individualiso; fallo em theoria. Soffrem de nevralgias, teem verrugas no rosto e callos nos pés, veem com pezar cahirem-lhes os cabellos? Rocorram ao limão. Sempre bondoso, prestará os seus bons serviços. As verrugas desaparecem esfregando-se com limão quotidiana-mente; as nevralgias desfazem-se applicando-o repetidas vezes á parte affectada; e o limão affastará essas pequenas excrescencias de carne que vos desfiguram o rosto, assim como vos dará vigor e força ás raizes do cabello, d'esse cabello negro com reflexos de aza de corvo. Não é tão bom esse pequeno fructo acido e amarello?

Que me desculpe o marido da leitora de ella me haver merecido tantas attenções. Será ciume ou egoismo inveterado? Sem querer emittir opinião, parece-me melhor e mais prudente occupar-me um pouco d'elle, d'elle que enquanto a leitora corre de festa para festa, de prazer para prazer, fica em casa preso pela gotta na sua *chaise-longue*. Coitado! Mas porque não recorre tambem ao limão? Veria como o sumo d'esse pequeno fructo amarello opéra maravilhas nos terriveis ataques de gotta. Acalma a dôr promptamente, e não deixa o mais pequeno cansaço. O citrato de lithina que se fórma no sangue faz desaparecer rapidamente a causa da doença.

Porventura, não tinha razão? Não havia faltas sensiveis no conhecimento profundo que tinham d'esse pequeno fructo pevidoso, amarelado, um tanto acido? E entretanto ainda podia citar muitos outros usos a que pôde applicar-se. Mas podem crer que os não quero humilhar.

O melhor é confessar lealmente que perderam, e pagarem prenda, reconhecendo que este fructo tão mal conhecido é o tonico mais seguro e mais agradável que pôde encontrar-se.

E dispensem-me de lhes contar a sua historia. Seria necessario remontar muito longe na noite dos tempos, desde o jardim das Hespérides onde o temivel dragão guardava os seus fructos de oiro, até ao jardineiro da casa de Anteuil, Boileau, favorito e poeta do rei Luiz XIV que, sem hesitar, lhe deu fóros de cidade nas suas satyras immortaes:

*Sentez-vous le citron, dont on a mis le jus,
Avec du jaune d'œuf, mêlé dans du verjus?*

J. DE PECHERE.

DRAMAS DO TREMEDAL

PAGINAS SOLTAS

I

N'uma casa de modesta apparencia em uma das estreitas ruas que tornam Lisboa o labyrintho de Creta, vivia pobre, mas honradamente, a familia do pedreiro João, composta de marido, mulher e duas engraçadas creanças, contando uma oito e outra seis annos.

A fortuna sorrira-lhes o necessario para passarem tranquillamente a vida. A magra feria do operario era economisada pela mulher que á força de estudo domestico conseguira que ella chegasse para as despezas da semana.

Um dia, porém, o azar entrou-lhes em casa: o pobre homem caiu de um andaime na obra e foi conduzido ao hospital onde falleceu horas depois da entrada, deixando a mulher na viuvez e as filhas na orphandade.

A desgraçada era heroica e trabalhou. Os dias passava-os servindo casas, e á noite dedicava-se ao arranjo das duas innocentes.

Á fatalidade continuou contudo a perseguil-a, e em breve a pobre mulher adoeceu gravemente, em consequencia do excessivo trabalho que não era recompensado com o alimento preciso.

Algumas visinhas protegeram-n'a no que podiam e a infeliz creatura, sempre pensando nas filhas, abafava no peito a tosse secca — pronuncio fatal da phtysica — e proseguia trabalhando em casa n'algumas pequenas obras que pessoas de conhecimento lhe encarregavam. Entretanto a remuneração era insufficiente!

Pouco a pouco foi vendendo o que possuia, sempre com a esperanza d'um dia melhorar, e poder readquirir tudo quanto o marido comprara com bastantes sacrificios. A sorte não o quiz assim: os moveis saíram para nunca mais voltarem: o fato foi para a casa de penhores e o senhorio começou a ameaçal-a, porque a desgraçada já lhe devia alguns mezes de renda.

A doença creava raizes, e o mal alliado á miseria fez com que a pobre mãe largasse o mundo, deixando ao abandono as duas innocentes creanças!...

A auctoridade parochial tomou conta das infelizes: tentou mettel-as em differentes asylos e collegios, mas a resposta dada pelas direcções era sempre esta: — Não ha vagas, esperem.

E é bem verdade! Para os verdadeiros necessitados nunca ha logares nos asylos! Admittem-se aquelles que tem paes, ás vezes, com os meios necessarios para os educarem e sustentarem, mas quando é preciso para os desgraçados brada-se-lhes que não ha vagas e empurram-n'os para o lodçal, expondo-os á mendicancia! Que se importa a sociedade com mais um mendigo? Não ha tantos? E' mais um para accrescentar ao extenso rol!...

Em vista de tantas tentativas frustradas appareceu uma visinha que se encarregou das duas orphãs. Todos a louvaram pelo acto humanitario.

O reverso da medalha estava porém, em que a philanthropica mulher tomára as creanças para especular com ellas, porque mostrando a sua generosidade, lastimava-se a todos de ter dado aquelle passo em consequencia de serem grandes os encargos, e não poder satisfazer a elles como desejava.

Em vista d'isto obteve alguns subsidios e esmolas e os jornaes apontaram-n'a como um modelo de caridade, chegando a abrir subscripções.

A megera em lugar de empregar nas duas infelizes o que lhe davam, satisfazia os mais pequenos desejos dos seus filhos; obrigava as orphãs a trabalhar enquanto os seus estavam á janella e atirava-lhes com os restos da comida e do fato que os seus já não queriam, dizendo sempre:

— Mãe assim é que *voçes* nunca teriam.

E dizia bem, porque mãe alguma trataria os seus proprios filhos da maneira como aquella *caridosa mulher* — segundo a opinião publica lhe chamava — trata-

va as creanças que se offerecera tomar sob os seus cuidados.

Ellas foram crescendo, e um dia a mais velha fugiu-lhe apoz uma scena violenta, cansada de tão maus tratos e miseria. Mezes depois succedia o mesmo á segunda! Era já tempo de largarem tão pesada canga!

Hoje vagueiam por ali. Uma arrasta-se pela lama atormentando os transeuntes e empregando na taberna, em aguardente, quaesquer dez réis que lhe deem, e a outra ostenta pelas ruas as *toilettes* de guerra que o ultimo degrau da escala social lhe offereceu!...

Entretanto a sociedade, que as devia ter protegido, aponta-as á irrisão publica e escarra-lhes na sua passagem!...

BARROS E SILVA.

UMA ALLIADA

Se temos inimigos no nosso reino, se a imaginação nos desvaira, não raro, a razão, temos tambem, é mister confessal-o, uma poderosa alliada que nos faz supportar os males com placidez, que nos acalma o espirito, que nos auxilia os combates quotidianos, que nos diffunde no rosto a doçura, nas maneiras a tranquillidade, que nos torna enfim contentes e felizes. Basta procurar-lhe de boa fé o auxilio para que ella se torne fiel companheira da nossa vida.

Esta preciosa alliada, que é mais facil perder do que alcançar, chama-se paciencia.

Dir-me-hão bem sei, que é virtude dos jumentos, e que não julgam ter grande necessidade de copiar as virtudes de um animal que despresam.

Eu julgo então que os pobres jumentos tem sido sempre calumniados, e que muito precisariam todos de lhe imitar a mansidão resignada.

Pense a leitora em todos os males que provém da sua falta de paciencia.

Quantas pequenas contrariedades, quantas inquietações que mais tarde produzem serios desgostos, e que evitariamos com a ajuda da nossa fiel alliada!

A vida, e especialmente a vida da mulher, é composta de tanta frivolidade, de tanta ninharia, que sabe-as supportar pacientemente é grande virtude.

E quantas vezes estas irritabilidades que nos tornam a vida insupportavel, estas pequeninas contrariedades não são mais que o resultado do tedio a que não sabemos resignar-nos! Porque enfim não posso acreditar que os pobres nervos estejam tantas vezes doentes, e sejam a causa unica de todos os soffrimentos que lhes attribuimos.

Não nos entendem os medicos? São os nervos. Sentimo-nos irasciveis, phreneticas, de mau humor? São os nervos.

Não temos vontade de trabalhar, temos caprichos, exquisitices? São os nervos.

E sempre em tudo entram os pobres nervos, ás vezes, diga-se a verdade, como Pilatos entra no credo.

Se em logar d'isso culpassemos o nosso character irrequieto, a nossa impaciencia entre a minima contrariedade, talvez nos approximassemos muito mais da verdade.

Conheço muitas senhoras a quem basta que falte um botão n'uma luva, para darem logo uma reprehensão aspera á creada.

E se a costureira por exemplo, lhes estragou um

vestido? Vêl-as é vêr verdadeiras furias, agitam-se, inflamam-se, adoecem até, e fazem não só a sua propria infelicidade como tambem a das pessoas que as cercam.

Emfim quem é que não sabe que durante o dia succedem a toda a gente milhões de pequenos incidentes, para aturar os quaes é necessaria uma dóse sufficiente de paciencia?

Ora se concluiu um trabalho que não ficou á vontade, ora os filhos estão desobedientes e inquietos, ora uma das creadas fez qualquer tollice, ora o marido vem para casa de viscira carregada, e assim n'este genero uma infinidade de coisas. Quem tiver um character placido e razoavel calcula logo o pouco que tudo isto vale, e nem porque estes contratemplos lhe succedem, deixará de ser igualmente feliz.

Se porém se deixar avassallar pela impaciencia, tornar-se-ha logo injusta, exaggerada, irascivel, e ai da paz do reino que lá se perde e se extingue!

E nada de desculpar-se com o costumeado: — Nasci d'este modo, não está mais na minha mão! A paciencia não é o meu forte.—

A gente não póde mudar-se completamente, póde porém modificar o seu genio: em todo o caso póde e deve tental-o, e se de todo o não conseguir, póde ao menos envidar todos os esforços para dar aos filhos com a educação a paciencia que lhes falta.

D'antes os conventos com a sua inexoravel pontualidade, com os longos trabalhos manuaes, se não tinham outras vantagens, tinham ao menos a de exercitarem esta virtude.

Poderá melhormente, porém, ser ella ensinada de baixo do tecto da familia, sem affrontarmos todos os outros inconvenientes da educação claustral de que fallarei n'outro capitulo.

(Continua).

CORDELIA.

Quem nada é e nada possui, não existe. *Ser e ter* são dois verbos tão necessarios na vida como na grammatica. Na grammatica e na vida são os dois auxiliares.

MADAME ACKERMANN.

CHRONICA DOS THEATROS

D. Maria. — A NOIVA — AS NADADORAS — PECCADOS VELHOS.

O theatro normal habituado ha tempos ás traducções, deu-nos no sabbado ultimo um esplendido espectáculo composto de originaes portuguezes. O facto causou verdadeira admiração e mostrou tambem que, apezar dos muitos revezes e intrigas, ainda ha em Portugal quem saiba escrever alguma coisa digna do nosso primeiro theatro de declamação.

O drama em verso *A Noiva*, original de sr. Lopes de Mendonça, é uma producção muito bem feita que mostra o grande talento do seu auctor, que pela primeira vez escreve para o theatro. O enredo, descripto por mão de mestre, é bem desenvolvido no acto de que a comedia se compõe, podendo dar assumpto para uma obra mais extensa.

O desempenho é magistral por parte de Rosa Da-

masceno, Falco, Brazão e Augusto Rosa. Os papeis são bem difficeis para todos: especialisâmos contudo Brazão que soube sustentar perfeitamente as scenas de leitura da carta e aquella em que expulsa a esposa adultera.

As nadadoras é uma comedia, em que os versos são gentilissimos, devida á penna do acreditado poeta sr. Fernando Caldeira. Os dois actos são muito animados e finos, tornando-se n'um *bijou* a phantasia sublime do laureado auctor da *mantilha de renda*.

O desempenho foi primoroso. N'esta comedia apresentou Joaquim d'Almeida um bello typo d'um marquez que julga ser adorado por todas as mulheres.

Terminou o espectaculo com a comedia, em verso, do sr. Eduardo Garrido *Peccados velhos* em que Antonio Pedro, Antunes e Emilia Candida vão muito bem.

Theatro dos Recreios. — PIM! PAM! PUM!, revista do anno de 1883, por Argus.

Por mais de uma vez temos tido occasião de mostrar as grandes difficuldades que se encontram para se escrever uma peça n'este genero, porque regularmente os casos que se dão n'um anno são pouco mais ou menos os que se repetem no anno seguinte.

Argus, um escriptor muito apreciado n'estas produções, de que deu exuberantes provas no *Tutti-li-mundi* e *Antonio Maria*, fez o possivel para que a revista de 1883 fosse igual ás anteriores.

O *Pim! Pam! Pum!* tem quadros magnificos e é muito espirituosa, sendo aproveitados diversos factos do anno com aquella *verve* que caracteriza Antonio Menezes.

O primeiro acto é magnifico: o segundo muito regular e o terceiro, apezar de decahir um pouco, tem merecimento; necessitando apenas d'uns pequenos córtes, coisa facil de acontecer n'estas peças.

O desempenho é bom, o guarda-roupa muito regular e o scenario magnifico, havendo scenas de grande effeito como os finais d'acto.

A peça tem continuado a agradar, e a contar as enchentes pelas representações.

Colliseu. — As mergulhadoras, pela troupe Johnson.

N'uma das ultimas noites debutou n'este circo a troupe Johnson, fazendo diferentes exercicios n'um aquarium que se acha collocado no palco.

Mr. Johnson conserva-se muito tempo debaixo d'agua onde come, bebe, escreve, fuma, olha, etc. Estes trabalhos que parecem de grande facilidade, são pelo contrario muito difficeis, visto que todos sabem o incommodo que se sente debaixo d'agua, onde se não póde tomar a respiração, e onde se está sujeito a um accidente qualquer.

Este trabalho merece ser visto.

A empreza não se cança em nos apresentar as maiores novidades da época. Ainda esta troupe conta cinco espectaculos e já é esperada uma nova celebridade.

*
* *

Realisa-se brevemente no theatro do Gynnasio o beneficio da actriz Barbara.

Representa-se uma comedia traducção de Gervasio Lobato que em Paris causou grande enthusiasmo.

*
* *

Verificou-se hontem no theatro da Trindade o beneficio da actriz Amelia Barros.

No proximo numero fallaremos a respeito da peça.

*
* *

O actor Baptista Machado realisou hontem o seu beneficio no theatro de D. Maria.

PY-THON.

ALBUM ENIGMATICO

LOGOGRIPO (EM QUADRO)

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Premio: — LES PHÉNOMÈNES CÉLESTES, de Z. A. Margollé

E' precisa no cultivo — 1-4-1-4
d'esta cidade famosa — 4-3-2-1
tambem sou linitivo: — 1-2-1-4
vulgaridade não gosa — 4-1-4-1

Uma villa alemtejana — 2-3-4-1
sente gosto em o fazer; — 3-4-1-4
a arvore d'ella se ufana, — 4-1-2-1
tendo bem pouco que ver. — 1-4-1-3

Um poeta primoroso, — 2-1-4-3
que é por todos venerado, — 1-2-1-3
um achou muito oloroso — 4-1-2-3
c'uma vogal arranjado. — 3-3-3-3

O todo, no fim de contas,
é coisa de tanto odor,
que faz as cabeças tontas...
e todos dizem que é flôr!

Moura.

A. P. DE MIRANDA AZEVEDO.

LOGOGRIPO NOVÍSSIMO

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Premio: — HISTOIRE DE LA RESTAURATION, de Fred. Lock

C	s	d	a	p	d	v,
2	1	2	1	1	1	3
Q	t	s	d	e	p	a.
1	2	1	2	1	2	2

Dois versos hendecasyllabos de Camões

Moura.

A. P. DE MIRANDA AZEVEDO.

As composições enigmaticas do numero anterior não foram ainda decifradas.